

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A Crítica (A.M.)

Class.: Político Ind. Oficial

Data: 18 de fevereiro de 1992

Pg.: PINRA442

Funai passa por processo de mudanças no Amazonas

O fim da superintendência regional e a criação de administrações que ficarão em seis lugares no interior e capitais com autonomia são as mudanças anunciadas ontem pelo administrador regional substituído Jorge Luis de Paula, que assegura com isso, maior agilidade para a Fundação Nacional do Índio-Funai, no Amazonas. As mudanças vão mexer inclusive com os 581 funcionários da superintendência, dos quais 146 estão em Manaus. Ele falou também que problemas como epidemias são comuns nas áreas indígenas, como hoje no município de Carauari há um surto de malária. Jorge não tem números sobre a

doença pois isso é administrado pela Fundação Nacional de Saúde.

"As mudanças começaram agora e é impossível fazer alguma previsão porque é preciso um período para adaptação", disse ele que negou que haja ingerência política nas mudanças na administração da Funai. Ele negou que haja a indicação do ex-deputado Hamilton Cidade para a administração de Manaus, por indicação do governador Gilberto Mestrinho, como se cogita em alguns setores do governo.

O administrador explicou que as administrações regionais autônomas estão sendo criadas em Roraima, Acre, Tabatinga, São Gabriel

da Cachoeira, Parintins e Atalaia do Norte, antes jurisdições da superintendência do Amazonas, que agora será dividida em administrações com responsabilidade sobre as áreas onde estão situadas. Um exemplo do que mudou com o fim da superintendência é que a retirada de garimpeiros de área indígena localizada no Pico da Neblina agora vai ser gerenciada pela administração de São Gabriel da Cachoeira. "O objetivo da mudança é apenas facilitar a administração e solução mais imediata dos problemas", assegurou Jorge.

Segundo Jorge Luis, a administração de Manaus ficará no entanto, com a responsabilidade de prestar apoio a regiões onde não foram criadas administrações e estão mais isoladas como Eirunepé, Humaitá, Tefé, Autazes e outras. "O nosso trabalho de apoio, assistência de saúde e educação será mantido para esses lugares nos quais não foi possível ainda instalar uma administração", disse ele, que não soube definir qual o total de recursos consumidos pela Funai. De acordo com suas explicações, o volume de verbas varia muito de acordo com a época e necessidade de trabalho da instituição e é difícil fazer uma estimativa.

No caso de Manaus, há a manutenção da Casa do Índio, que é usada para trânsito de índios doentes que vem se tratar na capital amazonense. Hoje, cerca de 90 pessoas estão ocupando a Casa, mas esse número pode chegar até 120, de acordo com a necessidade, explica Jorge. Para manter a Casa funcionando, a Funai garante alimentação, remédios e combustível, que são conseguidos por Brasília. Os constantes problemas com as epidemias entre os índios, segundo o administrador, obrigam o deslocamento de pessoal e a liberação de medicamentos da Ceme, através da Funasa.